

O LUGAR DO MÍSTICO EM 'CANGACEIROS E FANÁTICOS'¹

Andréa Batista de Mora

O papel do sagrado e a discussão sobre religião e religiosidades têm ganhado cada vez mais a atenção dos historiadores e a questão de uma religiosidade junto aos movimentos sociais tem sido temas de análises e discussões, entretanto a relação entre essa religiosidade e os movimentos sociais tem sido uma problemática para os estudiosos, assim como a própria forma como essa religiosidade é lida certamente aumenta tais problemas. No nosso caso a problemática é, como um autor marxista, numa obra que se tornou um clássico, percebeu, ou não, a religiosidade nos movimentos que analisou e qual o lugar que o místico ocupa em sua obra.

Cangaceiros e Fanáticos é um livro póstumo, publicado após a morte de Rui Facó, em 1963, sendo produzido, pois ao longo da década de 50, período em que a história do Brasil era pensada por vários ângulos "... a história era reconsiderada à luz de preocupações que divergiam conforme a interpretação que era feita por cada um de seus intérpretes."² Leandro Konder coloca que a variação da visão teórica dependia das opções teórico-filosóficas dos intelectuais, mas vale salientar que mesmo dentro das correntes teóricas que dominavam a década de 50 havia divergências até mesmo sobre a análise de uma mesma questão.

O autor citado apresenta três tendências teóricas da década de 50: o conservadorismo, o nacional-desenvolvimentismo, e os marxistas. A primeira citada ele a define como comprometida com a direita brasileira; a nacional-desenvolvimentista produzia uma história ligada ao desenvolvimento do Brasil; enquanto ao marxismo alguns de seus intelectuais estavam ligados ao partido comunista o que gerou críticas que atribuíam ao mesmo um caráter alienante por usar a teoria marxista como forma de manipulação política. Tomando como base a teoria marxista foram publicados na década de 50 obras como Formação do Brasil Contemporâneo, de Caio Prado Júnior, e Formação Econômica do Brasil, de Celso Furtado. Rui Facó está incluído entre os autores marxistas dos anos 50, entretanto sua análise em Cangaceiros e Fanáticos não é puramente economicista. Em 1957 divergiu de Leôncio Basbaum quanto a interpretação da Proclamação da República. Enquanto para Leôncio Basbaum proclamação se deu sem a participação do povo, para Rui Facó o povo não só quis como apoiou a República. Em Cangaceiros e Fanáticos, a idéia do povo enquanto elemento ativo aparece bem: "... Canudos foi... um dos momentos culminantes da

¹ Trabalho apresentado no Simpósio Temático "História Local para Além das Fronteiras: Fontes de Pesquisa e Metodologia Aplicada", durante o XII Encontro Estadual de História da ANPUH-PB, realizado no Campus da Universidade Federal de Campina Grande, em Cajazeiras (PB), entre 23 e 28 de julho de 2006. Trabalho orientado pelo Prof. José Flor de Medeiros Jr. (UEPB).

² FREITAS, Marcos César (org.). Historiografia brasileira em perspectiva. 4 ed. São Paulo: Contexto, 2001 (p.358).

luta de libertação dos pobres do campo ... formidável potencial revolucionário existente no âmago das populações sertanejas ...”.³

Essa sua concepção não invalida, porém, a noção de massa alienada na sua análise marxista, pois ele concebe que essa revolução, ou melhor, esse prólogo da revolução, é feito sem consciência “Aqueles que nada possuíam tinham algo a reivindicar, ainda que não soubesse reivindicar claramente... falta-lhes ainda a consciência de si mesmos...”.⁴

Rui Facó estava influenciado pela Tese Feudal e idéia de revolução brasileira. Ele buscou enquadrar o Brasil no modelo clássico de desenvolvimento do capitalismo, classificando o Nordeste do fim do século XIX como sem-feudal e onde as forças produtivas não se desenvolvido ainda. Entretanto ele é contraditório ao passo que hora afirmar que “... jamais houvera feudo clássico, inteiramente fechado, nos limites do Brasil, uma vez que o nosso latifúndio possuía apenas certas características, não todas, do feudo clássico europeu...”.⁵ Enquanto em outros momentos afirma que o Nordeste estava isolado, obscuro. O Nordeste brasileiro se encontrava num estágio semi-natural e sua sociedade dividida em classes: o senhor dono de grandes extensões de terras e o homem da terra, semi-servo.

No texto História das religiões e das religiosidades⁶ Jaqueline Hermann se debruça sobre a formação da História das religiões e religiosidades enquanto disciplina autônoma e aponta alguns campos que se tornaram temas específicos da disciplina, como a História das grandes religiões, das instituições eclesásticas, história das crenças: mentalidades, e história das crenças: circularidades e hibridismos culturais. Ela coloca, entretanto, que foi com história das crenças (com Lucien Febvre e Marc Bloch) que o “homem comum” foi redescobertos e visto como elemento primordial no desencadeamento das transformações históricas, mas ela diz que foram iniciativas isoladas e só recentemente esta temática, (das crenças e manifestações coletivas, religiosas, do “homem comum”) foi retomada pela historiografia. É nessa retomada que o messianismo torna-se um dos temas bastante expressivo e visitado e no Brasil práticas religiosas populares como essa foram vistas pelo discurso anticlericalista radical dos positivistas (com Euclides da Cunha, Nina Rodrigues e Sílvio Romero, que lideravam a intelectualidade brasileira na transição monarquia-república), como “ ... frutos nefastos de uma miscigenação perigosa e cientificamente condenável(...)”⁷. Assim “... o tema da religião a das religiosidades só foi observado a partir de uma análise depreciativa pelos precursores das ciências sociais no Brasil (...)”⁸. Jaqueline diz que fora a abordagem desses cientistas sociais, o tema da religião e religiosidade ficaria ausente de questões que deveriam merecer uma atenção especial ou

³ FACO, Rui. Cangaceiros e fanáticos: gêneses e lutas. 9 ed. Rio de Janeiro: Bertrand,1991.(p.126).

⁴ Ibid-ídem. (p.36).

⁵ Ibid-ídem (p.31)

⁶ In-: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs). Domínios da história: ensaios da teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

⁷ Ibid-ídem (p.346)

⁸ Ibid-ídem (p. 346)

ser encaradas como matérias importantes para a compreensão da nossa história. Ela cita então Rui Facó e outros autores como Maurício Vinhas de Queiroz, que ligaram a eclosão de movimentos messiânicos a crises sociopolíticas estruturais.

É portanto, à luz destas orientações teóricas que Rui Facó analisou o cangaço e o messianismo. Ele inicia *Cangaceiros e Fanáticos* esclarecendo o título do livro, onde se o cangaceiro se auto-determinava assim, os membros dos movimentos messiânicos não viam como fanáticos, para Facó eles são produtos do meio. A denominação e fanáticos é pois, para Facó, imprópria e pejorativa porque é externa, viria dos meios intelectuais e a classe dominante por sua vez justifica o massacre desses movimentos classificando-os de fanáticos, insubmissos e agressivos. Facó parece querer resgatar uma história que, segundo ele mesmo, foi ignorada pela história oficial. Essa afirmação é compatível com a própria opção teórico-filosófica de Facó, que é o marxismo, já que o sujeito da história dessa visão não é o Estado. Entretanto não se está afirmando que Facó fez um “prenúncio” da história das mentalidades ou da história social, pois ele não o fez, até mesmo porque estas análises fogem a uma abordagem política e econômica da História, esta sim é a análise feita por Facó.

Em *Cangaceiros e Fanáticos* ele cita autores que escreveram à época e após os movimentos messiânicos e o cangaço, autores como Euclides da Cunha e Nina Rodrigues, que viram as causas do cangaço e do messianismo no fator racial, na mestiçagem. Rui Facó considera a atribuição a fatores biológicos uma maneira fatalista de explicação e negação das causas sociais a materiais, que são vistas por ele como as causas reais de tais movimentos. Entretanto embora busque fugir do determinismo dos autores por ele citados, ele cai na mesma visão naturalista quando diz que as secas são um fator agravante da situação de exploração em que viviam as populações rurais, fator este ao qual o homem não podia fugir nem lutar e que teve um papel importante na proliferação de cangaceiros e de fanáticos. As grandes secas de 1877-1879, diz Facó, desencadearam as ações de grupos de cangaceiros como os Viriatos e os Brilhantes.

Mesmo colocando que o termo fanático é impróprio Facó continua utilizando-o, só que não resumido a um suposto fanatismo religioso, os membros de Canudos não são fanáticos apenas por conta de uma religiosidade desligada do catolicismo oficial, o sentido do termo parece ir além disso. Se Facó não concorda que nos movimentos do Contestado, Caldeirão e Canudos, o misticismo não é seu início e seu fim e que seriam movimentos desprovidos de razões sociais e sem propósitos, ele os denomina de degradação, incultura “(...) o fanatismo, o misticismo mais grosseiro era sua ideologia, em ensinamentos bíblicos deturpados... deveriam... guiá-los na luta por objetivos que eles mesmos não sabiam

distinguir, obscuros, confusos⁹. Citando Marx ele coloca que a religião era a forma de consciência primária que o homem tem de si mesmo. Rui Facó lamenta que na Historiografia brasileira, em sua época domine a visão de fundo místico em tais movimentos, esses historiadores não teriam compreendido que Canudos foi na verdade uma luta contra o latifúndio, um reflexo da luta de classes em sua fase superior: a luta armada. As populações rurais viviam nu, estégio miserável e "(...) seu único elemento congregador só podiam ser as seitas semi-bárbaras que abraçavam, como réplica à religião dominante (...)"¹⁰. A religião seria, para ele, a única forma de consciência, ideologia, e esta seria gerada pelas condições materiais, sua crença grosseira, como define Facó, correspondia a sua condição miserável. Não existe então uma discussão sobre religiosidade, Rui Facó defende a separação entre catolicismo popular e catolicismo tradicional, mas discute esse sentimento religioso submetido a uma lógica material. Estrutural. Ele vê tal antagonismo como expressão da separação entre a ideologia da classe dominante e a ideologia da classe dominada, a noção de uma religiosidade ou cultura popular não existe em sua discussão, Facó não atentou para "(...) a estrutura de organização e significados culturais do "outro", desconhecido (...)"¹¹. Ele admite que há uma forma de religião desgarrada da Igreja oficial, mas a vê como uma deturpação, alienação. O propósito de Facó foi fazer uma análise que explicasse de forma definitiva o que foi o cangaço e os movimentos messiânicos e nessa análise o místico seria na verdade a ideologia que caberia aos pobres do campos. Uma ideologia que não é política mas religiosa e a razão desse tipo de ideologia não seria só o atraso econômico mas o atraso intelectual e cultural que teria exacerbado o sentimento religioso. Os movimentos são de fanáticos e incultos porque não tem ideais políticos, o atraso intelectual não permitiu que idéias políticas fossem absorvidas assim eles não tinham um projeto político, por isso são fanáticos para Rui Facó, e por isso sua única forma de ideologia seria a religião.

É, pois dessa visão de fundo místico que Rui Facó procura fugir atribuindo a religiosidade a um atraso não só econômico mas cultural e intelectual. Ele procura esvaziar o conteúdo religioso dos movimentos ao mesmo tempo em que atribui a essa forma de religião o papel de alavancar da inércia em viviam as populações rurais, a religião teria despertado os pobres do campo. Ele coloca que os movimentos messiânicos, vale lembrar que ele não os denomina assim, entraram em choque com a religião oficial, da classe dominante. A igreja aparece como elemento opressor pois representa a classe dominante, entretanto afirma que a repressão a Canudos, por exemplo, não foi motivada pela heresia cometida diante da igreja, mas porque ameaçava a estrutura política e econômica vigente. Assim até mesmo essa religiosidade desvinculada da igreja oficial era causada pelas condições de exploração

⁹ FACO, Rui. Cangaceiros e fanáticos: gêneses e lutas. 9 ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 1991. (p.58).

¹⁰ Ibid-Idem (p.52)

¹¹ CARDOSO, Ciro Flamaron; VAINFAS, Ronaldo (orgs.) Domínios da história: ensaios da teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997. (p.342)

em que viviam as massas rurais. Portanto Rui Facó secundariza o místico e privilegia o que chama de fundo material dos movimentos messiânicos. O fundo místico não negado de todo mas é diminuído. Facó compreende que o caráter religioso existe e não pode ser anulado, ele, então, o coloca em segundo lugar e o define como uma camuflagem do fundo que em sua essência é material.

É assim através da discussão feita por ele e muitas vezes pelas ausências e lacunas deixadas por ele que percebemos o lugar secundário que o místico ocupa em Cangaceiros e Fanáticos e em se tratando de uma análise marxista não podia ser diferente.

Se para Facó o Nordeste brasileiro não era atrasado apenas economicamente nas cultural e intelectualmente, o latifúndio era a causa central do surgimento do cangaço e do “fanatismo”. O monopólio da terra teria gerado três elementos: o cangaço, o fanático e capanga. Vinham da mesma condição de exploração, eram vítimas do latifúndio e da exploração. Em reação ao latifúndio teria se desencadeado no fim do século XIX e início do XX uma série de rebeliões de norte a sul do país e são vistas por Facó uma reação ao monopólio. Os pobres não teriam, então, outra alternativa que não ingressar no cangaço e nos messianismo, que seriam tanto causados por ele como contribuem para sua decadência pois contestam a sacodem sua ordem latifundiária.

Vemos assim que as causas atribuídas por Rui Facó ao cangaço e as manifestações religiosas, tidas por ele como fanatismo, são de origem material. Percebe-se que Rui Facó classifica o regime econômico do Brasil, ainda no século XIX, como semi-feudal, partilhando da idéia de que no Brasil teria ocorrido o feudalismo. Este estava sendo suplantado pelo capitalismo mas de forma lenta, seria este atraso que teria causado o cangaço e o messianismo, estes são frutos deste atraso e não retardatários do progresso. A sociedade nordestina estaria vivendo, no fim do século XIX e início do XX, uma luta pela terra entre suas classes: o senhor dono das terras e o trabalhador rural, chamado de semi-servo. Embora no Nordeste isso tivesse sido percebido, defende Facó, a questão da terra teria ficado mais evidente no Contestado, coloca que apenas “(...) na derradeira das grandes lutas sertanejas nesse período já se encontram índices de compreensão entre os fanáticos de que estava em causa a posse da terra.”¹². Para Rui Facó a inércia das classes dominantes frente aos protestos contra o massacre de Canudos, seria um dos fatos que mostraria que o que se deu em Canudos foi uma luta de classes, uma luta contra o latifúndio feudal, só que feita de forma inconsciente, “Naquele atraso medieval, a reação da classe potencialmente revolucionária – os semi-servos da gleba – é de nível correspondente ao desenvolvimento das forças produtivas o inimigo não é percebido claramente...”¹³. Percebe-se que Rui Facó coloca que não havia consciência nas massas que foram cangaceiros e

¹² FACO, Rui. Cangaceiros e fanáticos: gênese e lutas. 9 ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 1991. (p.58)

¹³ Ibid-Idem (p. 46).

“fanáticos”, os cangaceiros e eram homens e mulheres pobres que pegaram em armas e lutaram sem rumo certo nem objetivos claros. O cangaço e o messianismo são movimentos apolíticos, sem fundamentos certos e que só iriam tomar consciência no processo de luta. Rui Facó ao atribuir inconsciência e alienação às massas impõe o significado ao messianismo e ao cangaço. O cangaço nasce enquanto elemento ativo, enquanto o messianismo surgiria como elemento passivo, sem fins agressivos, a passagem se dá quando adotam uma postura de protesto inconsciente contra a ordem dominante, quando seus capangas pegam em armas contra a repressão do Estado, das classes dominantes. Essas massas, entretanto, são potencialmente revolucionárias, só precisam de algo que inflamasse seus sentimentos.

A idéia de revolução está assim presente na análise de Rui Facó, entretanto ela não seria feita pela burguesia, esta surge, em Cangaceiros e Fanáticos, não como uma classe revolucionária, pois grande parte da burguesia industrial teria nascido ligada ao latifúndio semi-feudal, pois as iniciativas industriais partiam quase sempre dos latifundiários “(...) por instinto de classe, ela reconhecia que, sem se operarem as modificações na estrutura agrária... a industrialização estaria condenada...”¹⁴. A burguesia teria percebido assim que a solução para isso era implantar o capitalismo no campo “(...) na época não havia, nem podia haver, um capitalismo desligado do latifúndio semi-feudal...”¹⁵. Aparentemente ele acreditou naquilo que Florestan Fernandes viria a defender: a posição conciliadora da burguesia brasileira, esta procura se impor nos próprios domínios do latifúndio, mas Rui Facó diz que “... não houve ruptura completa ... entre burguesia e latifúndio, a velha aliança ... fazia-se agora sob uma nova fórmula ...”¹⁶.

A maioria dos movimentos tratados por Rui Facó ocorreram no Nordeste, ele cita várias vezes o Contestado, inclusive teria sido aí que a questão da terra teria sido tomada como consciência, entretanto coloca que o cangaço e o messianismo aparecem em locais onde o latifúndio juntou-se ao isolamento da região, ao atraso cultural, e este lugar era o Nordeste. Este é concebido como uma região quase estanque e o atraso intelectual, conseqüente da estagnação econômica e cultural, tornava o campo favorável ao aparecimento do “... misticismo, ao mais grosseiro fanatismo religioso ... crenças de caráter primitivo, as únicas compatíveis com o meio social e grau de cultura em que se proliferou o fanatismo em nossos sertões ...”¹⁷. O Nordeste era assim um meio suscetível ao aparecimento de cangaceiros e fanáticos posto seu isolamento, atraso econômico e obscurantismo intelectual. Nos movimentos de Canudos Contestado e Juazeiro as figuras de Antônio Conselheiro e Pe. Cícero, na visão de Rui Facó, meros conselheiros espirituais diante de líderes políticos e

¹⁴ FACO, Rui. Cangaceiros e Fanáticos: gênese e lutas. 9 ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 1991. (p. 22).

¹⁵ Ibid-ídem (p.151).

¹⁶ Ibid-ídem (p.202).

¹⁷ Ibid- ídem(p.138).

militares dos movimentos. Mais uma ele procura secundarizar o elemento religioso na motivação das lutas, ele não anula a presença do místico e o caráter religioso, mas os coloca como inferior às condições materiais. A narração que de Canudos e daquele movimento do Pe. Cícero é oposta. A narrativa de Canudos é feita de forma apologética, emocionada, colocando a superioridade e resistência de Canudos. A narrativa de Canudos é feita de forma apologética, emocionada, colocando a superioridade e resistência de Canudo. Rui Facó valoriza a luta armada, esta seria a fase mais avançada da luta de classes. Os habitantes “... não só morriam combatendo o inimigo peito a peito, mas enfrentavam as forças armadas enviadas... desafiavam-nas impávidos”¹⁸ e finaliza o capítulo em que narra a guerra de Canudos dizendo “... a epopéia de Canudos ficará em nossa história como um patrimônio das massas do campo ...”¹⁹. Quando a Pe. Cícero, ele assume uma postura de hostilidade “Seria este o cenário de um novo drama – misto de tragédia e farsa...”²⁰. Para Rui Facó Pe. Cícero tornou-se um coronel “(...) conseguiu ser... ditador de almas, chefe político local, vice-governador do Estado...”²¹. Mantendo-se sempre perto das classes dominantes adquiriu grande patrimônio e foi um conciliador na luta entre latifundiários e as massas rurais. Pe. Cícero então, para Rui Facó, teria podado o espírito e o caráter revolucionário das massas “... dispondo de tudo quanto fazia de alguém um coronel... utilizava os mesmos métodos familiares àqueles, como dar abrigo a capangas e cangaceiros e aproveitá-los... pra a consecução de objetivos que eram os seus”²². Já Caldeirão -- ocorrido num sítio de pe. Cícero – é também narrado de forma apologética por Rui Facó, no título do capítulo ele já denota essa posição, “ Um saldo positivo: Caldeirão “, mas a visão de positivo de Rui Facó não é porque deu certo, mas porque foi uma luta armada e de resistência “... sem recursos, sem meios técnicos, falhos até mesmo de enxadas, rasgam a terra com as própria e, eles sim, obram milagres”²³. Rui Facó contrapõe o beato Lourenço – de Caldeirão – a Pe. Cícero que teria tido a função de arregimentar os pobres de campo em torno dos seus falsos milagres. O conteúdo religioso do movimento de Juazeiro é igualmente verdadeiro, mas em Facó o movimento não é legítimo porque além de não ter projeto político não apresentou um componente da luta de classes: a luta armada. Juazeiro teria sido uma farsa dramática e não se legitimou nem pelo seu caráter religioso e nem pelos seus propósitos.

Na metade do século XX, segundo Facó, cerca de 70% da população do Nordeste ainda é rural, mas a ordem feudal foi derrubada e a estrutura não permitia mais o surgimento de cangaceiros e de “fanáticos”, mas “... novas mudanças... continuam a verificar-se,

¹⁸ FACO, Rui. Cangaceiros e fanáticos: gênese e lutas. 9 ed. Rio de Janeiro: Bertrand,1991 (p.125)

¹⁹ Ibid-ídem (p.126).

²⁰ Ibid-ídem (p.129).

²¹ Ibid-ídem (p.141)

²² Ibid-ídem (p.170).

²³ Ibid-ídem (p. 204)

reclamando outra mais importante, da estrutura agrária (...)".²⁴ Ele se refere às Ligas Camponesas que estavam surgindo no Nordeste e mesmo vendo seu início mas não vendo o seu fim Rui Facó vê nelas o que teria faltado aos cangaceiros e membros do messianismo: a consciência de sua condição de exploração e ideais políticos e objetivos claros e não haveria uma ideologia ligada ao misticismo.

²⁴ Ibid-ídem (p.223).